

Schnackenburg, Rudolf. *Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos*. São Leopoldo, Unisinos, 2001.

É significativo empreender um sério caminho de estudo em busca de um maior e melhor conhecimento do personagem que está na base do cristianismo, isto é, Jesus de Nazaré, o Cristo. Nesse sentido, fazer-se auxiliar por um guia competente e experimentado pode revelar-se muito profícuo. Em um tempo no qual vemos o lançamento de uma obra sobre Jesus de Nazaré da parte do Papa Bento XVI, fruto de uma vida dedicada à pesquisa científica no âmbito da teologia, que segundo a sua competência escreve do ponto de vista da Teologia Sistemática, um outro acesso nos é oferecido, do ponto de vista da Teologia Bíblica, pelo exegeta alemão Rudolf Schnackenburg. Ele já havia apresentado uma importante contribuição para cristologia neotestamentária, aparecida na coleção *Mysterium Salutis*.¹ Poucos anos antes de sua morte (ocorrida em 2002) ele nos ofereceu, pois, este magistral estudo sobre Jesus Cristo nos quatro evangelhos.

FEINER, J. – LÖHRER, M. (Eds.), *Mysterium Salutis: grundris heilsgeschichtlicher dogmatik*. Einsiedeln, Benzinger, 1970. (*Mysterium salutis*: compêndio de dogmática histórico-salvífica. Petrópolis, Vozes, várias datas).

O autor começa afirmando o seu compromisso desde longa data com o método histórico crítico, mas nesse estudo declara assumir com o interesse guia (não exclusivo) o interesse querigmático, e não o histórico, seguindo assim o exemplo da Igreja primitiva. No primeiro capítulo é apresentada uma síntese da história da pesquisa sobre o Jesus histórico, e aqui é significativo notar que o autor não menciona a *third question*. Ele não pretende, todavia, apresentar uma nova contribuição nesse âmbito da pesquisa, e sim declara como objetivo a tentativa de acesso à pessoa de Jesus de Nazaré a partir da visão de fé dos quatro evangelistas, visão esta que naturalmente apóia-se em tradições históricas. O exegeta alemão renunciou a um exato levantamento histórico, porque o Jesus histórico está indissolúvelmente fundido na imagem cristológica, e buscou, tão logo, a imagem compreensiva de Jesus Cristo, desenvolvida por cada evangelista a partir das recordações históricas sobre Jesus, em seu contexto e naquele de seus destinatários.

Após esta introdução, paulatinamente Schnackenburg estuda rigorosa e criticamente a imagem de Jesus Cristo em cada um

dos quatro evangelistas. Ele divide cada uma das apresentações em duas partes onde, após uma apresentação geral na primeira parte (especificarei abaixo), na segunda concentra-se, sobretudo, na especificidade da cristologia de cada um dos evangelistas.

Para o estudo de *Marcos*, o mais antigo evangelista e criador do gênero literário *Evangelho*, o autor começa apresentando, no segundo capítulo, uma descrição geral da atividade de Jesus: a proclamação, o ensinamento, os atos de poder (curas e exorcismos), as epifanias, as confrontações e conflitos e o caminho de sofrimento e morte. Na segunda parte são apresentados os títulos de Jesus, especialmente os dois fundamentais da cristologia marcana, a saber *Filho de Deus* e *Filho do homem*. Todo o desenvolvimento do evangelista, desde o começo, pretende apresentar Jesus à comunidade como *Filho de Deus*. Assim ele inicia o evangelho — se com Schnackenburg aceitarmos como original a leitura *Filho de Deus* em 1,1 —, assim se expressa o próprio Deus Pai no batismo (1,11), e depois na transfiguração (9,7), de modo que temos uma inclusão com a declaração do centurião pagão (15,39), que concorda com a declaração do Pai. Marcos, todavia, apresenta também com ênfase a cristologia do *Filho do homem*, título que encontrou na tradição e que aparece somente nos lábios do próprio Jesus. O *Filho de Deus* percorre como *Filho do homem* o caminho de sofrimento e morte, e manifesta plenamente a filiação divina somente na ressurreição, ele que um dia voltará sobre as nuvens com grande poder e glória (13,26; cf. Dan 7,13). Embora a comunidade parta do pressuposto que Jesus Cristo é o *Filho de Deus*, é convidada por Marcos a reconhecê-lo no Jesus que enfrentou um percurso de sofrimento, culminado com a morte na cruz. A assunção da categoria *Filho do homem* tem justamente a função de explicitar, pois, a verdadeira identidade do *Filho de Deus*, evitando assim uma compreensão errada da messianidade do nazareno. É por isso que o autor afirma sem hesitação que esses dois títulos são os focos cruciais para a compreensão da cristologia marcana, e a eles subordina todos os demais títulos e designações honoríficas. No final do capítulo ele analisa também o assim chamado *segredo messiânico* (expressão de W. Wrede).

No terceiro capítulo temos a imagem apresentada por *Mateus*. Na primeira parte Schnackenburg apresenta a ampliação da história de Jesus realizada pelo evangelista em relação a Marcos, especialmente a partir da *fonte dos ditos* (Q – *Logienquelle*). Nesta ampliação Mateus tem em mente em especial a orientação futura para a Igreja. Assim, o nascimento de Jesus é apresentado como o cumprimento da profecia do Emanuel (Is 7,14), e este *Deus conosco* declara pessoalmente a sua contínua e permanente presença na comunidade (28,20). O autor sublinha a presença, em Mateus, tanto de uma estreita perspectiva judeu-cristã (cf. 10,5b-6) como de

uma ampla perspectiva gentio-cristã, manifesta especialmente no mandato missionário de 28,19. Passando para a segunda parte, onde Schnackenburg trata dos títulos cristológicos, vemos que Mateus adota os cruciais *Filho de Deus* e *Filho do homem* de Marcos, mas, segundo a sua forte matriz judeu-cristã, sublinha também o título *Filho de Davi*, embora assinalando a não conformidade com a esperança judaica contemporânea em um messias davídico político. O *Filho de Davi* mateano transcende e transforma a esperança de Israel. Nessa mesma perspectiva, uma das características marcantes do evangelista é a apresentação de Jesus como cumpridor das profecias veterotestamentárias e como enviado de Deus que exige uma justiça nova e maior. Nesse sentido Jesus, apresentado como *novo e definitivo Moisés*, exige um comportamento marcado por atos concretos que ultrapassa em radicalidade os mandamentos da *Tora* (não apresenta os mandamentos da *Tora* radicalizados), particularmente presente nas seis antíteses de 5,21-48. O Jesus mateano é apresentado como juiz presente na comunidade. O seu agir é pautado pela misericórdia, e ele exige a misericórdia, mas não apresenta descontos quanto ao juízo final (cap 25), onde o critério de julgamento será aquele do amor concreto, contínuo alerta à comunidade quanto à possibilidade do desperdício culpado da oferta de salvação. Uma pequena observação que apresento é quanto à presença no capítulo (pelo menos na tradução) da categoria *reino/reinado de Deus*, enquanto que diversamente Mateus usa, predominantemente, *reino dos céus* (a proporção é de 35 para 4 ou 5 presenças).

No quarto capítulo Schnackenburg estuda a imagem presente em *Lucas*. Se Mateus escreveu a partir de uma marcada perspectiva judeu-cristã, o terceiro evangelista, seu contemporâneo, o fez com uma grande abertura ao horizonte helenístico. Na sua obra em dois volumes (evangelho e Atos dos apóstolos) ele pretende um rigor histórico, segundo o exemplo dos historiadores gregos, mas subordina a história aos seus interesses querigmáticos. O autor começa na primeira parte, para apresentar o Jesus lucano, oferecendo a visão fundamental do evangelista. Um dos traços fundamentais é a sua visão como enviado de Deus no poder do Espírito santo. Nesse sentido, a perícopes de Nazaré (4,16-30) concentra, antecipadamente, tudo quando segue. Jesus vem para anunciar o evangelho da graça de Deus, que engloba não só a cura corporal, mas também o restabelecimento espiritual; não só aos judeus, mas também aos pagãos. Lucas apresenta Jesus como Salvador (o menino de Belém é o *sotér*, cf. 2,11), título que polemiza com o personagem ao qual era tributado tal título, isto é, o imperador romano, mas imediatamente explica o título acrescentando outros dois — *Messias (Christós) e Senhor (Kýrios)* —, apresentando assim tanto ligações com as tradições judaicas quanto com as concepções helenísticas. Corresponde à

visão histórico-salvífica de Lucas apresentar o caminho de Jesus num seqüenciamento de fases. Temos assim o caminho a Jerusalém (a grande inclusão lucana de 9,51-19,27), a paixão e ressurreição, a ascensão e entronização à direita de Deus, o tempo da Igreja e, finalmente, o anúncio da parusia. O terceiro evangelista é o único a falar da ascensão, e a coloca estrategicamente no final do evangelho e no início de Atos. Com isso Lucas dá uma resposta à terceira geração cristã sobre a demora da parusia, antes esperada como iminente, animando assim à atividade missionária sob o impulso do Espírito santo e, ao mesmo tempo em que anuncia a futura parusia (cf. At 1,11), apresenta também uma linha escatológica individual (cf. 23,43), que desperta o indivíduo para a perspectiva do encontro individual com o Cristo.

Na segunda parte Schnackenburg concentra-se nos traços individuais do Jesus de Lucas. Nele sobressai a humanidade e o amável relacionamento com as pessoas e, nesse sentido, um dos traços marcantes é a freqüência do léxico ligado à cura. O médico Jesus cura e envia os apóstolos e discípulos a curar, inspirando assim o forte envolvimento social dos cristãos na Igreja antiga. Em Lucas é marcante a *opção preferencial pelos pobres* de Jesus, mesmo se ele não empreendeu nenhuma mudança estrutural no judaísmo contemporâneo. Schnackenburg, nesse sentido, distingue no Jesus de Lucas seja uma postura radical, que exige como condição para o seguimento a total renúncia dos bens, de uma postura moderada que recomenda uma sábia administração dos bens (cf. o *ser fiel no mínimo* de 16,10). Um exemplo equilibrador parece ser o de Zaqueu, que restabelece a justiça e doa parte significativa dos bens. O Jesus de Lucas, todavia, com isso não quer tranqüilizar a consciência dos ricos. Contra eles lança seus *ais* (cf. 6,24), alertando para a não consecução da salvação por parte de quem não tem seu tesouro unicamente em Deus (cf. 12,21.33s). O Jesus lucano apresenta também uma especial dedicação às mulheres, e chama a atenção perceber que elas preenchem os requisitos postos aos candidatos ao apostolado (cf. a eleição para a substituição de Judas em At 1,21s). Elas exercem um importante papel histórico-salvífico seja no evangelho que na história da Igreja primitiva, não somente a partir de atividades caritativas, mas em ministérios de ensino e pregação. Segundo o autor, o *evangelista das mulheres* preparou o terreno para o atual movimento feminista, dentro do que foi possível nas condições de seu tempo. Por fim, é marcante perceber que o Jesus lucano está em constante oração, durante todo a sua vida. O evangelista apresenta um Jesus que, não obstante a sua filiação divina, tem necessidade desse íntimo colóquio com o Pai para entender a sua vontade. A apresentação lucana, pois, a partir das tradições presentes ao evangelista e de seu horizonte judeu-helenístico, enriquece significativamente o

acesso à imagem de Jesus Cristo. No ensinamento dos apóstolos, de fato, o segundo apelativo — Cristo — aparece já definitivamente incorporado ao nome do nazareno (cf. At 2,38; 4,10.12; 8,12; 10,36.48; 15,26; 16,18).

No quinto capítulo é apresentada a imagem de *João*, no qual Schnackenburg é especialista, e ele começa afirmando que a cristologia joanina é um dos frutos mais maduros da reflexão da Igreja primitiva sobre Jesus. O quarto evangelista parte, de fato, de uma outra perspectiva em relação aos sinóticos: se nestes era apenas possível suspeitar a divindade do Jesus terreno, que trilhou o seu caminho como *Filho do homem*, em João temos desde o início o *Lógos* preexistente que se encarna. Essa *cristologia do alto* domina toda a narrativa evangélica. Na primeira parte Schnackenburg concentra-se no horizonte histórico que permitiu o nascimento dessa *cristologia elevada*. Talvez ele a poderia ter dado como pressuposta, indicando fontes bibliográficas, mas o exegeta alemão considera importante apresentar essa pré-compreensão para permitir um adequado acesso à cristologia do *Lógos* preexistente e encarnado. Assim, ele comenta questões como a forma primitiva da comunidade joanina, os destinatários do evangelho, seu autor ou inspirador; prossegue falando da estrutura do quarto evangelho e, por fim, sublinha a diferença entre a imagem joanina e a sinótica de Jesus. Nesse aspecto ele sublinha a questão da fé. Enquanto nos sinóticos Jesus parece não exigir uma fé específica em sua messianidade, para João é fundamental confessar a fé em Jesus Cristo, pois é através da fé cristológica que se obtém a *zōē*, isto é a vida divina, já no agora. Esse '*já mas 'não ainda'*' (segundo a expressão de Dodd) é um dos principais traços da impressionante cristologia joanina.

Na segunda parte Schnackenburg concentra-se nas numerosas asserções da cristologia joanina. Já na primeira parte ele sublinhava a importância de estabelecer uma unidade para esse estudo. Assim, sugere a categoria joanina do Filho “enviado” ao mundo pelo Pai como *filho condutor* para o estudo das demais asserções cristológicas. Partindo pois desta, concomitantemente analisa as seguintes demais asserções: *o Filho unido ao Pai*, *o Filho do homem* que desce do céu e a ele ascende novamente, *o profeta escatológico*, *o cordeiro de Deus* e *o Lógos* preexistente e encarnado. Para cada uma dessas categorias ele indaga a origem, visto serem próprias do quarto evangelho, ou usadas nele em modo original. Nesse sentido, decididamente Schnackenburg acredita que o húmus da cristologia joanina esteja no ambiente veterotestamentário, e não em outros ambientes como a gnose. Para exemplificar, na busca pela origem da asserção presente unicamente no prólogo, isto é, o *Lógos*, o autor a encontra na reflexão judaica sobre a palavra de Deus eficaz (*dābār*) e na personificação da sabedoria (cf., por

exemplo, Sir 24). Em relação à asserção *Filho do homem*, presente nos sinóticos, João a utiliza sem sublinhar o aspecto da vinda escatológica: quem crê no *Filho do homem* recebe já agora a vida divina (cf. a alusão eucarística do cap 6). Por fim a cruz, para o *Filho do homem*, embora externamente representa uma hora de trevas (13,30), na ótica da cristologia joanina é, na verdade, a hora de sua *glorificação* (12,33; 17,1).

O sexto capítulo, após o detalhado estudo precedente, é dedicado à síntese e à conclusão. O autor, assumindo e pressupondo Marcos como fundamento confiável, sintetiza comparativamente as particularidades da imagem de Jesus Cristo dos outros dois sinóticos e a transição para a cristologia joanina. Em seguida faz o percurso inverso, apresentando alguns elementos comuns que depõe em favor da unidade subjacente aos quatro esboços. Nesse ponto ele sente a necessidade de indagar sobre o resultado do seu trabalho e pergunta se a busca na direção da imagem de fé apresentada por cada um dos evangelistas permitiu um melhor acesso à pessoa de Jesus quando comparada com a busca estreitamente racional-científica do Jesus histórico? A sua resposta verte no seguinte sentido: todos os evangelistas ativeram-se ao querigma primitivo (cf. 1Cor 15,3-5) e quiseram transmitir não um mosaico, mas um retrato inteiro de Jesus Cristo, ao qual, segundo sua perspectiva e contexto, incorporaram tradições particulares. Schnackenburg reconhece que isto não equivale a uma fotografia do Jesus histórico, mas acrescenta que provavelmente essas quatro pinturas revelam algo de mais profundo em relação à vontade, aos motivos e forças impulsionadoras interiores que moveram Jesus, e que permanecem como legado permanente à comunidade. *A dimensão histórica não é diretamente palpável, mas é suficientemente experienciável para que dela não brotem sonhos e fantasias. A visão de fé volta ao passado, mas engloba, ao mesmo tempo, o que é presente, permanente e significativo para a comunidade* (p. 337).

Por fim, Rudolf Schnackenburg aventura-se no campo simbólico e tenta oferecer uma imagem bíblica para representar os quatro evangelhos — e a imagem de Jesus Cristo — em sua unidade e diversidade características, sem cair na homologação do *Diatésseron* de Taziano nem na imagem estática do único Evangelho sustentado por quatro colunas de Irineu de Lyon. Para tanto, propõe a imagem dos quatro rios do paraíso que fluem do Jardim do Éden e que percorrem uma imensa região que compreende a terra então conhecida (Gn 2,10-14). Este rio da vida flui incansavelmente, deve ser proclamado continuamente e em forma nova por todo o mundo, regando a terra ressequida e matando a sede da humanidade sequiosa.

Antônio César Seganfredo

A obra quer ser um livro de texto que possibilite ao leitor o conhecimento das principais correntes teológicas sobre o sacramento da penitência e, extensivamente pelos elementos aproximativos a ele, também sobre o sacramento da unção dos enfermos. Quanto ao sacramento da penitência, o autor dedica os dois primeiros capítulos buscando ver como esse sacramento se manifesta no contexto social e eclesial através do conceito de reconciliação e buscando os elementos antropológicos que emergem da possibilidade de transformação (ética) pessoal (conversão).

Os capítulos III e IV são dedicados a recuperar os dados bíblicos das categorias *conversão* e *reconciliação* com destaque à atitude misericordiosa de Jesus com os pecadores.

A recuperação histórica de como a comunidade cristã primitiva vivenciou a realidade do pecado e o retorno à vivência eclesial da fé dos pecadores arrependidos é contemplada pela temática do pecado e santidade na Igreja primitiva, pela questão do poder eclesial de perdoar os pecados, e pela prática penitencial e eclesiástica nos três primeiros séculos. A evolução histórica com toda a discussão teológica sobre a sacramentalidade da penitência tem início no século IV. Essa evolução no Ocidente, depois de uma breve referência à penitência na Igreja Oriental e às razões que levaram a transformação de uma penitência pública à penitência privada, se fixa na discussão teológica sobre a dimensão sacramental desse sacramento. A polêmica sobre a práxis penitencial, lançada pela reforma protestante, e a consolidação doutrinal pós Concílio de Trento são objetos de uma atenta caracterização com o objetivo de se recuperar a crise dessa prática sacramental na modernidade e a busca de uma renovação aberta pelo Concílio Vaticano II. À luz do conceito de pecado e reconciliação nos dias atuais, analisa-se o novo ritual da penitência propondo re-elaborar as seguintes dimensões: os aspectos antropológicos do sacramento da penitência, o fator *graça sacramental* do perdão e reconciliação, bem como a relação da penitência com os demais sacramentos da vida cristã e a prática atual da penitência nas Igrejas ortodoxas e protestantes, para terminar com a relação penitência e vida cristã.

O sacramento da unção dos enfermos recebe o seguinte trato metodológico: origens do sacramento, reflexão teológica, litúrgica e pastoral atualmente, e evangelização do enfermo, resgatando a realidade humana da enfermidade e todo o processo terapêutico de preservação e recuperação da saúde à luz da fé cristã.

A obra tem o mérito de oferecer um manual que foge da pretensão de enquadrar o pensamento teológico dentro de uma visão meramente magisterial. Nesse sentido, oferece pistas para que

o leitor, sem muito conhecimento dos meandros da metodologia teológica, adquira dados e informações para começar a ver a realidade de ambos os sacramentos (penitência e unção dos enfermos) com olhos que lhe permitam compreender certos impasses que ambos enfrentam na atual vivência eclesial e cristã.

Não se propõe a recuperar uma práxis sacramental anterior que, se teve seus méritos e efetiva contribuição para a vida espiritual dos fiéis, hoje se torna inviável por diversos fatores e muitas circunstâncias da vida moderna, além dos conhecimentos científicos atuais dos meandros da psicologia humana. A atual sensibilidade positiva sobre a ética não permite mais uma práxis sacramental meramente formal ou ritualística.

A transformação que se espera na vivência da realidade teológica destes dois sacramentos requer não apenas conhecimentos das vicissitudes históricas pelas quais passaram, como também acolher as contribuições que as diversas ciências humanas oferecem para compreender o ser humano em sua atual necessidade de perdão, reconciliação e igualmente a necessidade que tem de assumir os limites do seu existir num corpo frágil.

Luiz Gonzaga Scudeler

Oñatibia, Ignácio. *Batismo e Confirmação: Sacramentos de Iniciação.* São Paulo, Paulinas 2007.

O obra de Oñatibia é uma reflexão sobre o batismo e a confirmação como parte do processo da iniciação cristã. Ele procura situar esses sacramentos dentro do conjunto do Mistério de Cristo na vida da Igreja. O autor procura mostrar que esses dois sacramentos, batismo e confirmação são celebrações simbólico-litúrgicas como teologias dos sacramentos dentro da vida do Cristo na Igreja, comunidade de salvação. Analisa as celebrações desses sacramentos dentro da complexidade dos símbolos, baseando-se na reflexão teológica das diversas etapas da vida eclesial. Partindo das Escrituras, das primeiras fórmulas litúrgicas das reflexões dos *Padres* da Igreja, o autor os considera como acontecimentos salvíficos. Faz conexão entre o conteúdo sacramental e as etapas da história da salvação.

O Mistério Pascal é o acontecimento central que é celebrado pela atividade do Espírito na história da salvação e vivido na Igreja dentro o Mistério da Trindade. Essas dimensões teológicas dão sentido e fundamento a esses dois sacramentos.

O autor evita o reducionismo que marcou a teologia ocidental nas suas concepções teológicas. Quer mostrar uma compreensão mais profunda dos sacramentos da iniciação cristã, respeitando

as diversas etapas das variedades litúrgicas, sem perder o núcleo central da fé cristã.

Tem ainda uma visão ecumênica, fundamentando-se nas afirmações do Novo Testamento, nos ensinamentos dos Santos Padres e nos momentos de grande criatividade litúrgica e teológica.

O livro se divide em duas grandes partes: A primeira parte recolhe tradições universais da Igreja, narrando a evolução histórica tanto da doutrina dos sacramentos do batismo e confirmação como as práticas simbólico-litúrgicas.

A segunda parte é uma síntese teológica como reflexão científica das afirmações de fé. Analisa e sintetiza o simbolismo e sua tipologia: *signum tantum!* Estuda as diversas dimensões histórico-salvíficas (*res et sacramentum*). Aprofunda ainda os efeitos de cada sacramento (*res sacramentū*). Toda a reflexão teológica leva às exigências éticas.

O livro tem, além da histórico-teológica, uma dimensão pastoral litúrgica.

Avalio a obra como um ótimo material de fundamento para estudos teológicos sistemáticos, obra de consulta litúrgica e manual de pastoral sacramental. O livro ajuda a compreender esses dois sacramentos numa visão integral no processo de iniciação cristã.

Antonio Carlos Oliveira Souza

Pelizzoli, Marcelo (Ed.). *Bioética Como Novo Paradigma: por um novo modelo biomédico e biotecnológico.* Petrópolis, Vozes, 2007.

A obra recolhe a contribuição de vários profissionais das áreas de filosofia, sociologia, medicina, jornalismo. Distintas áreas e distintas geografias (Pernambuco, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Austrália), mas com proximidades óticas em suas expectativas de que *um outro mundo é possível, e uma outra saúde é possível.* São homens e mulheres comprometidos não só com a elaboração de pensamentos sobre a vida, mas sobretudo com a vida humana e não humana enquanto realidade práxica.

Trata-se de textos e contextos que se complementam na busca de uma nova maneira de fundamentar os vários significados de vida (bios) e de ética (ethos = morada). Elaboram uma crítica ao modelo *cartesiano* implantado na modernidade e fortemente presente na pós-modernidade. Tal modelo levou a uma partição da compreensão da vida humana onde, em diversas áreas do saber teórico e prático, a parte é tomada como o todo em prejuízo de uma visão integrada e **integral da vida e do ser humano.** Esse modelo *cartesiano* foi e tem sido usado pelos poderes de dominação (econômica, política, cultural, industrial, tecnológica, etc...)

tornando-se a *única e a verdadeira* visão (compreensão) da vida humana, do ser humano, do corpo humano, da saúde, da doença, da cura, da natureza, etc.

Nessa busca de um novo modelo biomédico e biotecnológico, os autores demonstram os grandes e profundos equívocos de visões (*compreensões*) parciais, unilaterais, distorcidas do que é a vida, o corpo, a saúde, a doença. Tais distorções levaram e continuam levando a um imperialismo desumano, injusto, tecnológico, artificial, marketeiro, em favor da técnica, do consumo e do lucro, em prejuízo não só de alguns grupos, mas em prejuízo de todo um planeta, de toda ecologia (dentro da qual se insere a vida humana concreta, humanidade presente e futura).

Para demonstrar tais equívocos e propor um novo modelo de fundamentação ética em benefício da vida humana e não humana, os autores mostram as linhas históricas do passado, desde a antiguidade grega, até os nossos dias (enfocando as compreensões filosóficas, éticas, médicas e sociológicas) no ocidente e as positivas contribuições do oriente que necessitam ser resgatadas para nossos tempos em benefício também do futuro da vida humana e não humana.

A proposta é a bioética, não como foi e muitas vezes tem sido entendida (como uma área disciplinar da ética, restrita aos temas de medicina), mas sim como a própria ética da vida a serviço da vida humana e não humana, e mais, a ética como morada da vida humana. Segundo os autores, a ética é a própria essência da vida humana, é o lar, o habitat, a morada da vida humana e não humana (não é possível a vida humana sem a vida não humana). Por isso, a vida (bios) e a ética (ethos) não são dois elementos separados, justapostos ou contrapostos, mas são composições da própria vida humana. Dessa forma, a bioética deve ser entendida como paradigma nas várias áreas do saber acadêmico e não acadêmico, nas várias áreas da práxis oficiais, institucionais e não oficiais e não institucionais.

De tudo isso surgem uma série de interrogantes sobre saúde, a doença, as técnicas para curar e para enfermar, os saberes dominantes e as sabedorias de vida dos povos, o *endeusamento* das ciências e das tecnologias e o *ostracismo* do ser humano além das fronteiras da pura materialidade e do puro tempo cronológico. Surgem perguntas que ... *revelam o atual espírito do tempo, de um prisma inadiável para a humanidade, postura de defesa socioambiental, um paradigma pautado mais na ética do que no lucro, uma verdadeira racionalidade bio-ética.*" (p. 11). Interrogantes bioéticos que desafiam o mundo atual e a maneira de interpretá-lo, interrogantes como estes: *Que impacto tem em nossa consciência a precariedade dada nas doenças da pobreza, e mais, das grandes doenças causadas pela riqueza, ou acumulação*

dela? Quais os direitos das gerações futuras? Somos máquinas nas mãos de médico-mecânicos ou seres afetivos-simbólicos culturais? Somos passíveis de melhoramento genético ou é melhor investir mais no progresso humano-pessoal? Somos controláveis por drogas ou quem sabe precisamos mais é ser amados e incluídos? Nossos filhos podem ser cobaias? Alguém tem direito a nos fazer cobaias para novas drogas e alimentos? Nossos fetos podem ter apenas função de produzir tecidos ou peças? Devemos engolir transgênicos e aditivos goela abaixo? Qual o impacto econômico, ambiental e social disso tudo? (p. 11).

Trata-se de uma obra que, embora tenha como pano de fundo a *biomedicina* e a *biotecnologia*, propõe uma *bioética* em sentido não apenas mais amplo, mas também em seu significado mais profundo como fundamentação de vida humana e não humana em suas várias dimensões de composições integradas e integrantes; a bioética como ... *questão civilizatória e de modelo de ciência, de sociedade e de relações com a vida* (p. 128-129).

Uma obra que ajuda a recriar também a teologia ou as muitas teologias, a moral ou as muitas morais presentes em muitas teologias dos *tempos passados e presentes* como necessidade civilizatória também de futuro.

Dorivaldo Pires de Camargo